

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Medicina

A classical painting of a nude woman lying on a red and white cloth in a landscape, with a large tree on the right. The woman is reclining on her side, her head resting on her arm, with her eyes closed. The background shows a landscape with a tree on the left, a body of water, and mountains in the distance. The overall style is reminiscent of the Renaissance or Baroque period.

DGO 50 anos

Departamento de Ginecologia e Obstetrícia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Medicina
Departamento de Ginecologia e Obstetrícia

DGO 50 anos

1ª edição

Porto Alegre
UFRGS
2018

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Medicina
Departamento de Ginecologia e Obstetrícia

DGO 50 ANOS



Porto Alegre 2018

Endereço:

Departamento de Ginecologia e Obstetrícia

FAMED – UFRGS

Rua Ramiro Barcellos, 2400

CEP 900035-003 – Porto Alegre – RS Telefone: 051 3308 5583

E-mail: dgo@ufrgs.br

Capa: Vênus Adormecida, Giorgione (c.1507-1510), Museu de Pintores Antigos, Dresden, Alemanha

Editoração e diagramação: Edison Capp

U58d Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Departamento de Ginecologia e Obstetrícia. DGO 50 anos / Departamento de Ginecologia e Obstetrícia – Porto Alegre: UFRGS/FAMED, 2018.

ISBN: 978-85-9489-134-1

1. Ginecologia 2. Obstetrícia 3. História. I. Faculdade de Medicina II. Título.

NLM: WQ19

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Bibliotecária Shirlei Galarça Salort – CRB10/1929)

DGO: como tudo começou

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Umas fazem com que desaprendam a arte do voo. Outras existem para dar aos pássaros coragem para voar. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”.

Rubem Alves in O Voo dos Pássaros,
Jorge Alberto Buchabqui, 2018.

A Faculdade de Medicina da UFRGS foi a terceira faculdade de medicina criada no Brasil. É interessante recordar que a colonização portuguesa não permitia a instalação de escolas no Brasil. Em outras regiões da América, há três séculos, já existiam universidades enquanto que no Brasil eram proibidas as escolas alfabetizadoras. As únicas escolas permitidas eram as religiosas e a finalidade desses cursos era a preparação de pessoas para se dedicarem às tarefas das ordens mantenedoras. Segundo Jorge Caldeira, em 1800, apenas um por cento dos brasileiros era alfabetizado e nos Estados Unidos este número já chegava a 52 por cento. Com a vinda da Família Real, em 1808, foi criada a primeira faculdade de medicina, em Salvador. A seguinte foi no Rio de Janeiro, em 1832, na Praia Vermelha.

A Faculdade de Medicina da UFRGS, que originalmente se chamava de Faculdade de Medicina e Farmácia, resultou da fusão da recém-criada “Escola Livre de Farmácia e Química Industrial de Porto Alegre” com o “Curso de Partos”. A data da fundação foi 25 de julho de 1898.

A Faculdade de Medicina, desde sua criação, tem forte ligação com a Obstetrícia. O ensino de obstetrícia acontecia na Santa Casa, na Enfermaria 24, junto à capela no segundo andar do Hospital São Francisco. Em 1º de janeiro de 1940, após a conclusão do Pavilhão Daltro Filho, a maternidade ocupou todo o primeiro andar e, dez anos mais tarde, se expandiu para o primeiro andar do Pavilhão Cristo Redentor, contando, na ocasião, com 145 leitos. Era a maior maternidade do sul do país.

A direção da maternidade era exercida pelo Professor Mario Totta, formado na primeira turma da Faculdade de Medicina.

Getúlio Vargas, a época ditador do Estado Novo, liberou a construção de dois hospitais de clínicas no país: um em Porto Alegre e o outro em Salvador. Em 1943, foi realizado o lançamento da pedra fundamental do HCPA, com projeto do Professor Ernesto de Souza Campos, de São Paulo.

“Este será um hospital de ensino diferente do hospital comum, pois teremos a tríplice função: assistência social, ensino e pesquisa” disse profeticamente o acadêmico Pedro Luís Costa, presidente do Centro Acadêmico Sarmiento Leite na ocasião. Infelizmente, a construção não foi além da pedra fundamental. A obra foi retomada em 1954 e a inauguração oficial ocorreu em 1968.

No Princípio era a Cátedra...

A Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal do Rio Grande Sul, desde o seu início até a grande reforma do ensino superior brasileiro, ocorrida em 1968, seguia o modelo europeu da cátedra vitalícia. Na reforma, foi adotado o sistema universitário norte-americano de departamentos com as chefias e colegiados eleitos.

Desde a fundação da FAMED, os seguintes professores catedráticos dirigiram os destinos do ensino da Obstetrícia:

Da fundação a 1907: Protásio Alves

De 1908 a 1947: Mário Totta

De 1947 a 1964: Othon Soares de Freitas

De 1966 a 1968: Nilo José Pereira Luz

O professor e fundador Protásio Alves demitiu-se de suas funções por divergências políticas com o Presidente da província, Júlio de Castilhos. Para dirigir a Maternidade foi indicado o médico assistente Mário Totta, formado em 1904, na primeira turma da faculdade. Uma de suas grandes realizações foi a transferência, em 1939, da Enfermaria 24 para o Pavilhão Daltro Filho, um prédio recém construído no terreno da Santa Casa.

Interessante recordar que, nos anos antecedentes à inauguração da Maternidade, discutia-se muito se os partos deveriam acontecer em hospital afastado ou no mesmo edifício onde funcionavam as demais enfermarias. Os médicos que defendiam a tese do isolamento, acreditavam que a distância diminuiria a probabilidade de infecções. Acabou prevalecendo a opinião de que a maternidade poderia fazer parte de um mesmo prédio pelas facilidades

de material e serviços de apoio. Vale lembrar que o único fármaco usado para combater a infecção naqueles tempos era a sulfa. Somente em 1943, passou-se a utilizar a penicilina no Rio Grande do Sul.



Cátedra de Ginecologia, 1950.

Mais tarde, a Maternidade recebeu o nome de Mário Totta, por indicação de seus colegas e aprovação unânime da Mesa Diretora da Santa Casa. Em 1947, com o falecimento de Mário Totta, assumiu a direção o Professor Othon Soares de Freitas (pai do nosso colega Prof. Fernando Monteiro de Freitas), nascido em 1900 na cidade de Rio Grande e formado na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. A legislação vigente na época preconizava a aposentadoria compulsória dos funcionários públicos aos 65 anos. Em 1964, um ano antes da aposentadoria, ocorreu a mudança da lei, passando o limite para 70 anos. Mesmo assim, o Prof. Othon se

aposentou e abriu-se concurso para professor catedrático, sendo aprovado o Prof. Nilo José Pereira da Luz.

Tradicionalmente, no regime de cátedras, o professor catedrático era o chefe do serviço. A cátedra pressupunha a existência de um serviço. Por tradição, também, havia um convênio entre a Santa Casa e a Faculdade de Medicina, determinando que o ensino das cadeiras clínicas seria exercido na Santa Casa. Em 22 de março de 1960, foi criada a Faculdade Católica de Medicina (posteriormente denominada Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre - FFFCMPA) – embrião da atual Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA. Muitos dos professores da UFRGS também lecionavam na “Católica”.

Como a obra do HCPA não foi concluída no prazo previsto, houve a necessidade de os alunos das duas faculdades compartilharem do mesmo serviço em algumas áreas. Isto aconteceu na Maternidade Mário Totta. Os alunos do quinto ano da UFRGS tinham aulas às segundas, quartas e sextas-feiras e os alunos da FFFCMPA tinham aulas nas terças e quintas-feiras. Os plantões dos doutorandos, porém, eram divididos igualmente entre doutorandos da UFRGS e da FFFCMPA. Criou-se agradável ambiente com a possibilidade de troca de ideias e de conhecimentos e com reforço de amizades.

O Prof. Nilo Pereira Luz, ao se tornar catedrático, não pode chefiar o serviço porque a Mesa Diretora da Santa Casa manteve o Prof. Othon Freitas nessa posição e, mais tarde, com a sua aposentadoria definitiva, passou a chefia para o Prof. Pedro Luiz Costa, que era docente de Obstetrícia da Faculdade Católica.

Em 1968, ocorreu a reforma do Ensino Superior e as duas cátedras de Ginecologia e Obstetrícia se fundiram, constituindo o Departamento de Ginecologia e Obstetrícia. Os professores catedráticos passaram a ser Professores Titulares, mas sem direito a serviço ou enfermaria. Extinta a cátedra vitalícia, o Professor Titular configurou-se como um título e não mais correspondia à chefia do serviço.

A sede da Cátedra de Ginecologia ficava no sétimo andar do Pavilhão Cristo Redentor, na Santa Casa. Com a instituição do sistema departamental e como a Cátedra de Obstetrícia da UFRGS não tinha mais sede, o recém-criado DGO localizou-se na Enfermaria 22. A Maternidade Mário Totta ficou apenas como área de ensino da UFRGS.

O catedrático de Ginecologia era o Prof. Fradique Correa Gomes e o Serviço, sediado na enfermaria 22, levava o seu nome. Com a reforma, o Prof. Fradique foi o primeiro chefe do DGO para o período de 1968 a 1972. Os docentes de Ginecologia eram:

Arnaldo Nicola Ferrari
Carmine LidioRosito
Emílio Jeckel Filho
João Cohen Fischer
José Silveira Osório
Marcos Iankilevich
Nelson Augusto Monteiro Krüger
Werner Soldan

Os professores de Obstetrícia eram:

Brenno Mariath
Erwino Jacob Diefenthaeller
Fernando Monteiro de Freitas
Nilo José Pereira Luz
Paulo Padilha Duarte
Pedro Luiz Belchior Costa
Wilson Kruse



Serviço de Ginecologia e Cirurgia do Prof. Martim Gomes - Enfermaria 22, em 1950. Sentados Doutores Parnatieri, Batista Hoffmeister, Gomes da Silveira, Miguel Albino de Castro. Em pé: Doutorandos Armando Scherer, Paulo S. Souza, José Raimundo, Emma E. Zatar, Oséas Vieira, Galeno Cesar, Manoel Domingues. Atrás: Internos Paulo Seroni, Geraldo Miranda, Vinicius Berau, Erio Brasil Pellanda.



Curso de Especialização Ginecológica da Faculdade de Medicina, Serviço Prof. Martim Gomes, em 1950. Em pé, parte dos cirurgiões inscritos: da esquerda para direita: Miguel Albino de Castro, Abrahão Malte, Werner Soldan, Luciano Raul Panatieri e José Elias Kalil. Sentados: membros do corpo docente da Cátedra: (presentes) Drs. Martim Gomes, João Carlos Gomes da Silveira, Newton Prates de Lima, Fradique Correa Gomes, Batista Hoffmeister (assistente da Santa Casa) e (ausentes no dia) Argemiro Dornelles e João Cohen Fischer.

A Maternidade Mario Totta contava com cerca de 150 leitos e atendia, primordialmente, mulheres das classes menos favorecidas. Sempre estava de portas abertas e nunca faltaram leitos mesmo que se fizesse necessário acomodar duas puérperas na mesma cama.



Prof. Waldemar Rivoire, Prof. Nelson Krieger e Prof. Arnaldo Nicola Ferrari, 2000.

Antes do advento da Residência Médica, a Maternidade realizava, periodicamente, concurso para internos e estes a frequentavam até se formarem. Alguns trabalhavam após a formatura, a convite do diretor. Os alunos chegavam à Maternidade no quinto ano. Não existia o sistema semestral vigente hoje e o curso se desenrolava durante todo o ano. As aulas teóricas eram dadas no anfiteatro da Maternidade às segundas, quartas e sextas-feiras e as práticas a seguir, nas dependências da Maternidade. Os alunos do quinto ano eram divididos em pequenos grupos e acompanhavam os mestres nos diferentes setores: Sala de Admissão, Puerpério, Enfermaria de Gestantes, Sala de Abortos, Isolamento e, eventualmente, Sala de Partos.



Maternidade Mário Totta da Santa Casa, em 1965. Sentados, da esquerda para direita José Luz Natorf, Fernando Freitas, Othon Freitas, Paulo Padilha Duarte e alunos da ATM-65.

Para os doutorandos existiram vários esquemas, sendo que o vigente, em 1968, era de 10 meses corridos, sem férias. As aulas começavam em primeiro de fevereiro e terminavam na véspera da formatura. O doutorando passava pelas quatro áreas consideradas básicas: Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Pediatria e Obstetrícia e mais dois meses em qualquer serviço, de livre escolha. Durante o estágio de Obstetrícia, o doutorando deveria atender 40 partos e apresentar relatório, descrevendo os atendimentos.

Os doutorandos tinham aulas teóricas no início da tarde com o Prof. Paulo Padilha Duarte. Eram aulas muito boas, tranquilas e, frequentemente, abordavam-se

temas políticos. Esta camaradagem com os estudantes, redundava no sistemático convite para as homenagens de formatura. Até hoje o Prof. Paulo Padilha Duarte ostenta o título de professor mais vezes homenageado de toda a história do DGO.

Em 1966, foi adotado o sistema de Residência Médica e sua duração era de um ano com possibilidade de mais um ano. O terceiro ano era excepcional. O médico residente recebia bolsa de um salário mínimo no primeiro ano, dois, no segundo e três, no terceiro ano.

Os residentes da Maternidade Mário Totta foram os seguintes:

1967 – Eda Maria Ruzicki, Roberto Henrique Zander, Gildo Irineu Coifman, José Antônio Gonçalves Meirelles, Eduardo Jorge Gomes, Cláudio Krahe e Miriam Lunardi Prates;

1968 – Renato Zanetti Anicet, Célio Dutra Antunes, Eduardo de Rose;

1969 – Heitor Hentschel, Nilo Frantz, Nilton Leite Xavier, Caio Coelho Marques, Carlos Danton Keil, Lenita Perondi, Orestes Stephanou, Valmir Vieira Guimarães, Juarez Dornelles Przybylski;

1970 – Augusto Vargas e Vargas, Candinha Maria Huber, Edith Bortolini, Eusébio Scornavacca, João Tadeu Freitas da Costa, Nilson Francisco Mazochi, Raul Kruse, Raul Moreira da Silva e Vera Maria Karam;